

Lazer: Concepções e Significados

Luiz Octávio de Lima Camargo¹



doto, nas páginas que seguem, o estilo do depoimento: verbos conjugados na primeira pessoa do singular, referência à experiência pessoal e, quando necessário, tom polêmico. Tentei, sem sucesso, um estilo neutro, distanciado. Logo, porém, percebi que não consigo falar na concepção e significado do lazer sem historiar na escala de minha experiência pessoal de contato com o tema, partindo da prática, interrogando a teoria, voltando novamente à prática, num processo, espero, sem fim.

Aliás, se existem vários motivos para agradecer o convite do Conselho Editorial da *Licere*, quero destacar o mais importante: o de poder sistematizar esta reflexão, que faço freqüentemente no início dos meus cursos.

Para não me dispensar, divido o depoimento em três partes. Quero, em primeiro lugar, falar do misto de entusiasmo e angústia do início de minha prática recreativa profissional e das questões que daí surgiram e, de certa forma, direcionaram minha pesquisa. Em seguida, quero registrar o entendimento do conceito e significado do lazer que surgiram do contato com meu mestre, Joffre Dumazedier, e da forma decisiva como ele influenciou e marcou meu pensamento.

Mas, como escreveu BACHELARD (1980, p. 252), “no trabalho da ciência, somente se pode amar o que se destrói, somente se pode continuar o passado negando-o, somente se pode venerar seu mestre, contradizendo-o”. Não tenho a pretensão de contradizer meu mestre - nem acho que, nas ciências sociais, caiba tal postura. Neste caso, mais do que nunca, como lembra GRAWITZ (1974, p. 25), o pensamento é produto da circunstância original e única da inserção de cada um no universo físico e social. A polêmica deve ser, assim, generosa, não negando mas integrando pontos de vista de sujeitos pesquisadores que analisam a realidade de seu posto privilegiado, porque único, de observação.

¹ Professor Titular do programa de Mestrado em Educação da Universidade paulista - UNIP; Coordenador dos Cursos de Hotelaria e Turismo da Universidade de Sorocaba - UNISO.

Termino, assim, colocando novas questões sobre o conceito e significado do lazer e, de certa forma, da crítica que eu hoje faço à própria noção de lazer, a partir do contato com outros estudiosos como CAILLOIS (1980), MAFFESOLI (1989), CZIKSZENTMIHALYI (1992), entre outros.

Questionando...

Para falar de meu contato com a temática do lazer, não posso deixar de voltar a quase trinta anos atrás, quando, pela primeira vez coloquei-me profissionalmente diante do tema. Até então minha experiência resumia-se à organização de eventos variados durante meu curso secundário e como diretor cultural da AABB, em Dourados (MS).

Tinha sido contratado pelo SESC como animador (o cargo chamava-se orientador social) e, em equipes de três, devíamos organizar atividades culturais diversas, tais como cursos, seminários, exposições, competições esportivas, enfim, práticas de lazer, em cidades do interior do Estado de São Paulo. Ao longo dos primeiros doze meses de trabalho, já havia visitado e organizado programações em mais de uma dezena de cidades do interior e bairros da Capital.



O trabalho me fascinava. Aliás, parecia-me quase incompreensível ser remunerado (e bem remunerado) por atividades, que até então eu realizava voluntariamente, de bom grado, e que resultava em contatos variados com as

1

peças mais diversas das comunidades, em festas de encerramento onde o reconhecimento da comunidade era expresso pelas mais altas autoridades locais e, não raro, por olhos marejados de pessoas que testemunhavam e agradeciam mudanças pessoais em decorrência da participação nas práticas que nossa equipe propunha e desenvolvia.

Contudo, mesmo sentindo o crédito sobre o trabalho, não conseguia disfarçar para mim mesmo o peso e o constrangimento causado por uma série de questões:

- ◆ O que resulta ao final de uma pelada de futebol de salão ou de incitar pessoas a, pela primeira vez na vida, participarem de um jogo de vôlei? Existe algum significado educativo nessa prática?

Nessa época, ainda mais do que hoje, educação e escola eram sinônimos. Ninguém, fora dos quadros dessa “santa” instituição, estava autorizado a auto-denominar-se educador ILLICH (1979) ainda não tinha escrito o seu *Sociedade sem Escolas* e a frase de LIMA (1961) – “a única instituição sadia da escola é o recreio” – carecia de um contexto teórico mais amplo sobre a educação fora da escola. E, sobretudo, ainda não se tinha formatado adequadamente a noção de um tríplice campo educacional – formal, não formal e informal. Outra questão, com outro referencial:

- ◆ De que forma a organização de jogos, gincanas, ciclos de cinema, exposições de artistas locais contribuía para o desenvolvimento em geral, sobretudo econômico de uma comunidade?

Na época, também, na quase totalidade de obras mais conhecidas e na divulgação científica, desenvolvimento era sinônimo de desenvolvimento econômico. Afinal, sabia-se que a criação de uma estrada resultava em aumento da riqueza regional. Podia-se até mesmo projetar esse aumento. E um campeonato de futebol ou ping-pong? De que forma esta recreação contribuía para o aumento da riqueza do país? Essas questões nos eram colocadas de forma arrogante por economistas em debates. A noção de desenvolvimento cultural era pouco conhecida e muito criticada, associada que era à mera modernização, entendida como colonização cultural, como exportação de modelos culturais pelas sociedades centrais às periféricas.

Eram questões ingênuas, de alguém excessivamente colado na prática, ainda incapaz de abstrair das condições objetivas em que essa ação profissional

se exercia. Havia, é verdade, uma base doutrinária para esse trabalho. O SESC, na época, estribava-se num conceito de educação social, que trazia a marca de dois pensadores eminentes, um mais acadêmico, o recentemente falecido filósofo José Américo Motta Pessanha, outro mais voltado à prática, Renato Requiya, ambos, aliás, brilhantes.

Tal noção de educação social; contudo, parecia-me excessivamente vaga e abrangente, incapaz de dar conta de todos os rebatimentos que eu intuitivamente sentia mas era incapaz de verbalizar e sistematizar. Qualquer ação cabia nesse conceito e nenhuma avaliação concreta era possível.

Assim, sem o aval da educação e do desenvolvimento, que sentido tinha minha prática profissional? Orgulho-me de, entre meus colegas, muitos deles mais preparados e brilhantes, ter sido eu um dos poucos a buscar o apoio de uma reflexão teórica.

Descobrimo...

Todos nós somos freqüentemente assaltados por epifanias – noções, reflexões que fecham nossa angústia numa *gestalt* perfeita. Fundo e figura se confundem e, assim, somem todas as dúvidas, todas as hesitações. Essas epifanias podem surgir da leitura de um livro, de uma intuição, de uma aula. Para mim, surgiu do contato com o pensamento e com a pessoa de Joffre Dumazedier, que veio a ser o orientador da minha tese de doutorado na Sorbonne, exatamente sobre as relações entre lazer e educação num país dito em desenvolvimento. Sei que ele é um teórico controvertido, mas ninguém pode lhe negar o mérito de ter sido o pioneiro das ciências do lazer, o primeiro a ter integrado a busca do divertir-se a um contexto sociocultural, socioeconômico e sociopolítico.

Com Dumazedier,² aprendi as interrelações dessas práticas recreativas não apenas com o desenvolvimento e educação, mas também em relação ao urbanismo. Ainda que correndo riscos, posso tentar um balanço resumido desse aprendizado:

- ◆ O lazer é produto de uma revolução social ao mesmo tempo técnica e ético-estética

Na lógica cada vez mais visível da nascente sociedade industrial capitalista dos sécs. XVIII e XIX havia que se produzir cada vez mais com o menor tempo

² Para conhecer o seu pensamento, recomendo sobretudo sua última obra publicada no Brasil (1994).

e custo possíveis, para, claro, gerar cada vez mais lucros. O recurso mais barato era, então, o abundante elemento humano, a partir daí chamado de recurso humano. Com isso, surgiram cidades que atraíam as populações rurais para indústrias, onde as esperavam salários menos miseráveis apenas que os rendimentos rurais. Para dar conta de parte irrisória das necessidades familiares, todos trabalhavam, inclusive as mulheres mais velhas e crianças. Mas havia ainda algo pior (pior, já que foi quase sempre, mesmo no Brasil pré-Vargas, a principal motivação para as greves): indivíduos que na zona rural trabalhavam entre 700 e mil horas por ano, passaram a ter jornadas que comumente atingiam médias de 4 mil horas por ano, o que significava trabalho todos os dias (para quem até então tinha, afora os domingos, doenças, dias de intempéries em que não se trabalhava, mais 120 dias santos), até 16 horas diárias com tarefas pesadas pré-determinadas (para quem começava a trabalhar ao nascer do sol, dosava energia e repouso).

Graças, de um lado, à ação comum dos sindicatos de trabalhadores e dos movimentos sociais da época, e, de outro, à evolução das ciências da gestão e da produtividade, iniciou-se um processo de redução da jornada de trabalho, que hoje no Brasil gira em torno da média de 1.800 horas por ano e, nos países desenvolvidos, em 1.600 horas, tendendo a cair mais ainda lá como aqui. Consequentemente, um tempo livre praticamente inexistente no início da revolução industrial vem crescendo paulatinamente representando no Brasil, algo em torno de 35 horas semanais e, nos países desenvolvidos, já sendo maior que o tempo de trabalho.

Esse tempo livre, pago pelo trabalho (repouso semanal remunerado, férias remuneradas, aposentadoria remunerada, que os movimentos sociais do século passado, desejavam pensando em mais tempo para o estudo, para a família, para a religião ou para a militância política, foi basicamente ocupado com atividades de lazer, de forma que hoje não raro tempo livre e lazer são tomados como sinônimos. Ou seja, pela primeira vez na história, a diversão está incluída no custo do trabalho.

Essa é a revolução técnica. A revolução ético-estética surgiu da crescente busca do prazer nesse tempo e que acabou por contaminar a própria vida socioprofissional, sociofamiliar, socioreligiosa e sociopolítica.

Voltemos, então, à minha questão de 30 anos atrás - se as brincadeiras que eu organizava contribuía para o desenvolvimento econômico do país! Na verdade, a questão é outra. Se o lazer acabou sendo a própria contrapartida do desenvolvimento econômico e da urbanização, uma pesquisa sobre a importância econômica do lazer, ainda que possa estudar como um equilíbrio entre trabalho

e lazer é necessário para a produtividade econômica, desloca-se assim para outra preocupação, a de dimensionar a extensão desse novo campo da economia, o do entretenimento que, segundo alguns, já é o mais importante em movimentação de capital em escala global.

O lazer é vital, sim, para o desenvolvimento cultural, mas nesse caso as interrelações acontecem com a educação.

◆ a situação atual do lazer questiona uma educação centrada na escola

Numa sociedade, na qual a criança passa mais tempo diante da televisão do que no banco da escola, na qual difunde-se de a idéia de uma educação permanente ao longo de toda a existência, em que o próprio espaço físico converte-se em espaço educativo, em que as informações se multiplicam em todos os espaços e tempos do cotidiano, que sentido tem imaginar a escola como a única instância educacional ?

Essa visibilidade do tempo de lazer e das atividades comunicativas que aí se desenrolam deve levar-nos, sem dúvida, a entender que esse espaço privilegiado é hoje o da chamada educação informal, aquela que ocupa maior tempo no cotidiano de populações de todas as idades e se processa espontaneamente no cotidiano - nos grupos de iguais, no contato com a mídia, etc...

A pergunta do educador não é, mais, pois, se a diversão educa e sim qual o tipo e, sobretudo, qual a qualidade de educação vivida nesse contexto informal? Como lembra o próprio Dumazedier, essa educação informal está aí para o melhor e para o pior. Tanto pode levar a processos voluntários de desenvolvimento pessoal como à delinquência, drogas, jogos de azar, violência, suicídio, etc.... Felizmente ou infelizmente, o que predomina mesmo não é nem um extremo nem outro, mas o entretenimento inconseqüente, o simples gastar o tempo.

De qualquer forma, esta educação é incontrolável, se quisermos associar à noção de controle qualquer orientação repressiva. Aí cabe apenas o incitamento e a dissuasão. Da tentativa de intervenção nessa educação informal, surgiu assim um terceiro campo, o da educação não-formal, basicamente constituída pela chamada animação sociocultural. Hoje, posso responder, assim, a jovens como o Luiz Octávio de 30 anos atrás que eles podem, ao organizar seus campeonatos, exposições e ciclos de cinema, entenderem-se como educadores da maior importância, pois agem no olho-do-furacão da educação informal, na qual, através de métodos não-formais (planejados mas com a participação voluntária do seu público), tentam melhorar a qualidade do entretenimento e reduzir as chances de usos patológicos individual e socialmente do tempo livre

- ◆ Esse fenômeno moderno do lazer leva, necessariamente, a uma reconceituação do espaço urbano e regional.

Parece claro, assim, que o espaço urbano e regional não pode ser pensado, como até bem pouco, apenas no plano do utilitário. Ele deve dar conta também das necessidades lúdicas de uma população com tempo livre crescente. A noção de espaço de lazer ganha importância, assim, ao lado da noção de tempo de lazer.

Reverendo...

Dada a exiguidade do espaço disponível para este depoimento, vou sintetizar minhas reflexões atuais sobre o conceito e o significado do lazer, com as seguintes questões, todas centradas no impacto da chamada globalização. E, antes de mais nada, cumpre lembrar que o lazer e o entretenimento (incluindo turismo, hotelaria, eventos) constituem uma das pontas-de-lança desse fenômeno, ao lado do mercado financeiro e das comunicações.

como se coloca o conceito e a prática do lazer diante da nova (des)ordem internacional do trabalho?

O conceito de lazer de Dumazedier supõe um tempo liberado do trabalho, típico da situação de quem dispõe de emprego e de leis que protegem seu tempo livre diário, semanal, férias e aposentadoria. Por esse motivo, o lazer é um fato social que pôde ser observado apenas ao longo deste século, sobretudo na segunda metade, mas que não tinha visibilidade social no século passado e mesmo na primeira metade deste e que, talvez, perca sua visibilidade já no próximo século, com o rearranjo das relações de trabalho. O fim do emprego, como modalidade dominante de inserção no trabalho, e a chamada flexibilização das relações trabalhistas (que nada mais são que eliminação dos benefícios do emprego) parecem conspirar contra o gozo do lazer. Fora do emprego protegido, é difícil continuar falando de tempo liberado do trabalho, necessário ao lazer. Como lembrava Marx, o trabalhador por conta própria (a figura que, parece, predominará num futuro marcado por terceirizações e quarteirizações) é o pior explorador da força de trabalho – no caso, de si mesmo.

Seria datado, então, o conceito de lazer? Não é a minha hipótese. O emprego protegido ainda dispõe de fôlego e ainda deve continuar a ser uma das formas importantes de inserção no trabalho ao longo do próximo século. São apenas novas interrelações entre trabalho e lazer que surgem, apontando para um duplo cenário social – q os que muito trabalham, no dia a dia e ao longo de toda a existência, e os que pouco ou nada trabalham; os alcoólatras do trabalho e os alcoólatras do lazer.

E o entretenimento e a sociedade orgiástica da qual fala MAFFESOLLI (1989) devem ter visibilidade social crescente, num universo que cada vez depende menos do labor humano. A sombra de Dioniso tende, assim, a se espalhar na socialidade cotidiana.

◆ Como se coloca a educação para o lazer diante da crescente globalização das comunicações e do entretenimento ?

A globalização das comunicações já deslocou o eixo da educação escolar. Ao invés do acesso à informação, o objetivo passa a ser o da seleção da informação. Ao invés da falta de informação, o problema dominante passa a ser a escolha da informação adequada à questão que se coloca. Não mais simplesmente aprender, mas aprender a aprender.

O animador, atuando fora da escola, pode pois doravante aspirar a formas de trabalho não apenas grupais, como é a dominante atual, mas também individuais e de massa. Quem sabe o consultório de lazer não tenha a sua vez na sociedade brasileira, como já acontece na americana, introduzindo o animador no grupo de conselheiros da população, juntamente com o médico, o psicoterapeuta e o assistente social ! O animador deverá, do outro lado, cada vez mais encontrar seu espaço de ação em modalidades de lazer quase que de massa, em negócios em franca ascensão como parques temáticos e mega-eventos.

◆ Quais são os desafios da pesquisa em lazer nesse novo contexto?

A questão é ampla e aqui introduzo apenas uma reflexão que me parece pertinente, sobre a qualidade lúdica do lazer. Como lembrou bem Dumazedier, não é apenas o ideal grego do lazer como expressão da cidadania que parece distante nessa sociedade marcada pela busca do entretenimento inconseqüente. Ele lembrou, ainda, que a busca do prazer é apenas um princípio presente nas escolhas de lazer. Nem sempre uma realidade. Raramente uma realidade, poderíamos acrescentar, já que infelizmente Dumazedier deteve-se nesta reflexão. É o próprio gozo lúdico do lazer que está em cheque numa sociedade marcada pela valorização abusiva do trabalho.

Não nos esqueçamos de que, desde o séc. XVI, mobilizada pelo arquétipo da máquina, pouco a pouco a sociedade convergiu para o que eu chamo de consenso do trabalho, inédito na história da humanidade e que atingiu seu ápice no século passado. As instituições de base da sociedade, que sempre desconfiaram do lúdico, e os grandes reformadores sociais dos sécs. XVIII e XIX concordaram, então, em ao menos um ponto: que o trabalho é o principal valor do ser humano. A vagabundagem e todas as formas de não-trabalho,

suportadas até então e mesmo valorizadas nas civilizações orientais e em alguns momentos da civilização ocidental, foram elevadas à categoria de contravenção. Lembremo-nos das reflexões de FOUCAULT (1978): as fábricas, as escolas, os hospitais são instituições modernas criadas pela necessidade que se sentia de docilizar os corpos para o trabalho. Mesmo os hospícios foram criados como fachada para repressão da vagabundagem.

Não é de estranhar, assim, que hoje as pessoas se preparem melhor para o trabalho do que para o lazer. E nessa pesquisa de um lazer que satisfaça os apetites crescentes dos indivíduos para o gozo ético e estético do lazer (CZIKSZENTMIHALYI, 1992), cumpre desafiar os estudiosos do lazer para enveredarem sempre mais pelo estudo do imaginário no lazer e para métodos menos positivos de investigação social.

A nossa condição de subdesenvolvimento econômico é, creio eu, uma razão a mais para estudarmos os problemas do lazer, no âmbito do imaginário das pessoas. Numa sociedade onde o acesso a determinados bens culturais é tão segregado, mas as aspirações culturais são relativamente homogêneas em todas as classes sociais, pode-se prever os conflitos e a violência explosivos aí embutidos: sem dúvida, o lazer hoje mais do que nunca é o campo privilegiado do exercício da distinção social

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, G. *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: Vrin, 1980.
- CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Cotovia, 1980.
- CAMARGO, Luiz O. L. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna (no prelo).
- _____. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CZIKSZENTMIHALYI, M. *A psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.
- DUMAZEDIER, Joffre. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- GRAWITZ, M. *Méthodes et techniques de recherche en sciences sociales*. Paris: Dalloz, 1974.
- ILLICH, I. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LIMA, Lauro de O. *Conflitos no lar e na escola*. Petrópolis: Vozes, 1961.
- MAFFESOLLI, M. *À sombra de Dionísio*. Rio: Zahar, 1989.